

A IGREJA É UNA

Aleksey Khomiakov

A Unidade da Igreja

A UNIDADE DA IGREJA surge da necessidade da unidade de Deus; pois a Igreja não é uma multidão de pessoas em sua individualidade separada, mas uma união da graça de Deus, vivendo em uma multitude de criaturas racionais, submetendo-se de boa vontade a graça. Graça, de fato, é também dada àqueles que resistem a isso, e aqueles que não fazem uso dela (que escondem seu talento na Terra), mas que não estão na Igreja. Na verdade, a unidade da Igreja não é imaginária ou alegórica, mas uma verdadeira e substancial unidade, como a unidade de vários membros em um corpo vivo.

A Igreja é una, apesar de sua divisão como aparece para um homem ainda vivo na Terra. É apenas em relação ao homem que é possível reconhecer a divisão da Igreja em visível e invisível; Sua unidade é, na realidade, verdadeira e absoluta. Aqueles que estão vivos na Terra, aqueles que finalizaram o curso de suas vidas, aqueles que, como anjos, não foram criados para uma vida na Terra, aqueles das futuras gerações que ainda não começaram seus cursos na Terra, todos estão unidos juntos em uma Igreja, em uma e mesma graça de Deus; pois a criação de Deus que ainda não se manifestou é manifesta a Ele; e Deus ouve

as orações e conhece a fé daqueles que Ele ainda não tirou da inexistência para a existência. De fato a Igreja, o Corpo de Cristo, manifesta-se adiante e de forma completa com o tempo, sem alterar sua essencial unidade ou sua vida interior de graça. E portanto, quando falamos da “Igreja visível e invisível,” falamos apenas em relação ao homem.

A Igreja Visível e Invisível

A IGREJA VISÍVEL, a Igreja na Terra, vive em completa comunhão e união com todo o corpo da Igreja, da qual Cristo é a cabeça. A Igreja tem dentro de si permanência em Cristo e a graça do Espírito Santo em toda a sua plenitude viva, mas não na plenitude de suas manifestações, pois ela age apenas na medida em que agrada a Deus.

Visto que a Igreja terrena e visível não é a plenitude e completitude de toda a Igreja a qual o Senhor determinou para aparecer no julgamento final de toda a criação, a Igreja age e sabe apenas dentro de seus próprios limites; e (de acordo com as palavras do Apóstolo Paulo aos Coríntios, 1:5-12) não julga o resto da humanidade, enxergando-os como excluídos, por assim dizer, não pertencendo a ela, que excluem a si mesmos. O resto da humanidade, estranha à Igreja, ou unida a ela por laços que Deus não a revelou, ela deixa para o

juízo do grande dia. A Igreja terrena julga apenas para ela, de acordo com a graça do Espírito, e a liberdade concedida à ela por Cristo, convidando também o resto da humanidade a união e adoção de Deus em Cristo; mas, sobre aqueles que não ouvem, ela não pronuncia sentença, sabendo o mandamento de seu Salvador e Líder, “não julgue o servo dos outros” (Rm 14:4).

A Igreja na Terra

DESDE A CRIAÇÃO do mundo a Igreja terrena continuou ininterruptamente sobre a Terra, e continuará até o cumprimento de todos os objetivos de Deus, de acordo com a promessa dada pelo próprio Deus. E os seus sinais são: sua santidade interior, que não permite nenhuma mistura de erro, pois o espírito da verdade e da imutabilidade vive dentro dela como Cristo, seu Preservador e Líder não muda.

Todos os sinais da Igreja, internos ou externos, são conhecidos apenas por ela mesma, e por aqueles que a graça chama para serem membros dela. Para aqueles, de fato, que são estranhos à ela, e não são chamados à ela, eles são ininteligíveis; pois para tais, a mudança externa de um rito aparenta ser uma mudança do próprio Espírito, o qual é glorificado no rito (como, por exemplo, na transição da Igreja do Antigo Testamento para a Igreja do Novo, ou na mudança de ritos eclesiais e ordenações desde os tempos apostólicos). A Igreja e seus membros sabem, por conhecimento interno de fé, a unidade e imutabilidade do seu espírito, o qual é o Espírito de Deus. Mas aqueles que estão fora e não foram chamados a pertencer a ela, contemplam e sabem das mudanças do rito externo por conhecimento externo, não compreendem

o conhecimento interno, assim como a imutabilidade de Deus aparenta ser para elas mutável nas mudanças de Suas criações.

Por tal razão a Igreja ainda não foi, nem poderá ser, mudada ou obscurecida, nem poderá desaparecer, pois senão terá sido privada do Espírito de Verdade. É impossível que tenha havido um tempo em que ela tenha recebido um erro em seu seio, ou quando os leigos, Presbíteros, e Bispos tenham se submetido a instruções ou ensinamentos inconsistentes com o ensinamento e o Espírito de Cristo. O homem que declarar que tal fraqueza do Espírito de Cristo poderia adentrar não sabe nada sobre a Igreja, e é ainda um estranho para ela. Além do mais, uma revolta parcial contra falsas doutrinas, juntamente com retenção ou aceitação de outras falsas doutrinas, não é, nem poderia ser, obra da Igreja; pois dentro dela, de acordo com sua própria essência, sempre devem haver pregadores, professores e mártires confessando, não a verdade parcial com a mistura do erro, mas a completa e inalterada verdade. A Igreja não sabe nada sobre verdade parcial e erro parcial, mas apenas a absoluta verdade sem a mistura do erro. E o homem que vive dentro da Igreja não se submete a falsos ensinamentos e recebe os Sacramentos de um falso professor; ele não irá, sabendo ser falso, seguir falsos ritos. E a própria Igreja não se engana, pois ela é a verdade, ela é incapaz de astúcia e covardia, pois ela é santa. E claro, a Igreja, por sua imutabilidade, não reconhece como erro aquilo que ela em qualquer tempo anterior reconheceu como verdade; e tendo sido proclamado por um Concílio Universal e por comum consenso, é impossível para qualquer indivíduo, qualquer Bispo ou Patriarca, enganar-se

nos seus ensinamentos, mas a Igreja não pode reconhecer que tais indivíduos, Bispos e Patriarcas, ou seus sucessores, sejam infalíveis em seus ensinamentos; ou que eles sejam preservados do erro por qualquer graça especial. Como seria a Terra santificada, se a igreja pudesse perder sua santidade? E onde haveria verdade, se os seus julgamentos atuais seriam diferentes daqueles do passado? Dentro da Igreja, isto é, dentro de seus membros, falsas doutrinas podem estar engendradas, mas então os membros infectados caem, constituindo uma heresia ou cisma, e não mais desafiam a santidade da Igreja.

Una, Santa, Católica, Apostólica

A IGREJA é chamada Una, Santa, Católica, e Apostólica; porque ela é una, e santa; porque ela pertence ao mundo todo, e não a qualquer local específico; porque por ela toda a humanidade e toda a Terra, e não apenas uma determinada nação ou país, são santificados; porque sua própria essência consiste no acordo e na união do espírito e vida de todos os membros que conhecem a ela, ao redor do mundo; por último, porque nos escritos e doutrinas dos Apóstolos é contida toda a completude de sua fé, esperança e seu amor.

É a partir disso que quando qualquer sociedade é chamada de Igreja de Cristo, com a adição de um nome local, como Grega, Russa ou Síria, essa apelação não significa nada mais do que a congregação de membros da Igreja vivendo em uma determinada localidade, isto é, Grécia, Rússia ou Síria; e não envolve nenhuma ideia como a de que qualquer comunidade

isolada de cristãos seja capaz de formular a doutrina da Igreja, ou dar uma interpretação dogmática aos ensinamentos da Igreja sem o acordo das outras comunidades; e é ainda menos sugerido que uma específica comunidade, ou o pastor dela, possa prescrever suas próprias interpretações para as outras. A graça da fé não é para ser separada da santidade da vida, nem pode nenhuma comunidade ou pastor ser reconhecido como o detentor de toda a fé da Igreja, assim como nenhuma comunidade e nenhum pastor podem ser enxergados como representantes de toda a sua santidade. Entretanto, toda comunidade cristã, sem assumir para si o direito da explicação e ensinamento dogmático, tem todo o direito de mudar suas formas e cerimônias, e introduzir novas, desde que não cause ofensa às outras comunidades. Ao invés de fazer isso, deve abandonar sua própria opinião e se submeter às outras, para que o que a um pode parecer inofensivo ou mesmo louvável não pareça culpável para outro; ou que um irmão deva levar irmão para o pecado da dúvida ou da discórdia. Todo cristão deve valorizar a unidade de ritos da Igreja: pois assim se manifesta, até para os obscurecidos, a unidade de espírito e doutrina, enquanto que o homem iluminado se torna fonte de viva alegria cristã. O amor é a coroa e a glória da Igreja.

Escritura e Tradição

O ESPÍRITO DE DEUS, que vive na Igreja, governando-a e fazendo-a sábia, manifesta-Se dentro dela de diferentes maneiras; na Escritura, na Tradição, e em obras. Para a Igreja, que faz o trabalho de Deus, é a mesma Igreja que preserva a Tradição e que escreveu as Escrituras. Nem os indivíduos, nem uma multidão de

indivíduos dentro da Igreja, preservam a Tradição ou escrevem as Escrituras; mas o Espírito de Deus, que vive em todo o corpo da Igreja. Portanto, não é correto nem possível procurar os fundamentos da Tradição nas Escrituras, tampouco a prova das Escrituras na Tradição, nem o mandado da Escritura ou tradição nas obras. Para um homem vivendo fora da Igreja, nem a Escritura, nem sua Tradição, nem suas obras são compreensíveis. Mas para um homem que vive dentro da Igreja e está unido ao espírito da Igreja, a sua unidade é manifestada pela graça que vive dentro dela.

Mas as obras não procedem à Escritura e à Tradição? Mas a Tradição não precede a Escritura? Não eram as obras de Noé, Abraão, os antepassados e representantes da Igreja do Antigo Testamento, agradáveis a Deus? E não existia Tradição entre os Patriarcas, começando por Adão, e os antepassados de todos? Cristo não deu liberdade ao homem ensinando verbalmente, antes que os Apóstolos, por seus escritos, dessem testemunho da obra da redenção e da lei da liberdade? Porque, entre Tradição, obras e Escritura não há contradição, mas, ao contrário, completa concordância. Um homem entende as Escrituras, na medida em que ele preserva as tradições, e trabalha de acordo com a sabedoria que vive dentro dele. Mas a sabedoria que vive dentro dele não é dada a ele individualmente, mas como um membro da Igreja, e é dada a ele em parte, sem anular completamente seu erro individual; mas para a Igreja é dada em absoluto e sem qualquer mistura de erros. Porque ele não deve julgar a Igreja, mas se submeter a ela, para que a sabedoria não seja tomada dele.

Todo aquele que busca pela prova da verdade da Igreja, que por todo ato demonstra dúvida, e exclui-se da Igreja, ou assume a aparência de alguém que duvida e ao mesmo tempo preserva certa esperança de provar a verdade, e chegar a isso por seu próprio poder racional: os poderes da razão não atingem a verdade de Deus, e a fraqueza do homem se manifesta pela fraqueza de suas provas. O homem que pega apenas a Escritura, e acha a Igreja apenas nela, está na realidade rejeitando a Igreja, e tem a esperança de encontrá-la novamente por seus próprios poderes: o homem que considera apenas a Tradição e as obras, e deprecia a importância da Escritura, está também rejeitando a Igreja, e considerando a si mesmo um juiz do Espírito de Deus, que falou pela Escritura. Para o conhecimento cristão, é uma matéria, não de investigação intelectual, mas de fé viva, que é o dom da graça. A Escritura é externa, é algo externo, Tradição é externa, e obras são externas: mas o que é interno nelas é o Espírito de Deus. Da Tradição considerada sozinha, ou da Escritura ou obras, um homem pode adquirir um conhecimento externo e incompleto, que pode de fato em si conter verdade, pois origina-se da verdade, mas ao mesmo tempo é necessariamente errôneo. Um fiel conhece a Verdade, mas um incrédulo não conhece, ou apenas conhece com um conhecimento externo e imperfeito. A Igreja não se prova pela Escritura, nem pela Tradição e obras, mas porta testemunho para si mesma, assim como o Espírito de Deus, habitando nela, dá o testemunho de Si mesmo nas Escrituras. A Igreja não pergunta: qual Escritura é verdadeira, qual Tradição é verdadeira, qual Concílio é verdadeiro, ou quais obras agradam a Deus: pois Cristo sabe de sua própria herança, e a Igreja em que Ele vive sabe por conhecimento

interno, e não pode deixar de conhecer, suas próprias manifestações. A coleção dos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento, os quais a Igreja reconhece como seus, são chamados pelo nome de Sagrada Escritura. Mas não há limites para a Escritura; pois todo escrito que a Igreja reconhece como seu são chamados de Sagrada Escritura. Tais são os proeminentes Credos dos Concílios Universais, especialmente o Credo Niceno-Constantinopolitano. Portanto, a Escritura Sagrada continuou até os nossos dias e, se Deus quiser, ainda mais será escrito. Mas na Igreja ainda não houve, nem nunca haverá, nenhuma contradição, nem na Escritura, nem na Tradição, nem nas obras; pois em todos os três está Cristo, um e imutável.

Confissão, Orações e Atos

TODA AÇÃO DA IGREJA, dirigida pelo Espírito Santo, o Espírito de Vida e de Verdade, expõe a plenitude de todos os Seus dons e fé, esperança, e amor: na Escritura, não na fé apenas, mas também na esperança da Igreja, que se faz manifesta, e no amor de Deus; e em obras que agradam a Deus há manifestado não apenas o amor, mas também fé, esperança e graça; e na Tradição viva da Igreja, que aguarda de Deus sua coroação e consumação em Cristo, não apenas esperança, mas também fé e amor são manifestados. Os dons do Espírito Santo são inseparadamente unidos em uma santa e viva unidade; mas como obras que agradam a Deus pertencem especialmente ao amor, e a oração agradável a Deus pertence a esperança, também um credo agradável a Deus pertence mais à fé, e o Credo da Igreja é

justamente chamado de Confissão ou Símbolo da Fé.

Portanto deve ser entendido que credos, orações e obras não são nada por si só, mas são apenas uma manifestação externa do espírito interno. Ao que segue, nem aquele que ora, nem aquele que faz obras, nem aquele que confessa o Credo da Igreja está agradando a Deus, mas apenas aquele que age, confessa e ora de acordo com o Espírito de Cristo vivendo dentro dele. Os homens não têm a mesma fé, a mesma esperança, ou o mesmo amor; pois um homem pode amar a carne, fixar sua esperança no mundo, e confessar sua crença na mentira; ele também pode amar e esperar e acreditar não totalmente, mas apenas em parte; e a Igreja chama sua fé, fé, e sua esperança, esperança, e seu amor, amor; pois Ele os chama assim, e a Igreja não irá disputar com Ele sobre palavras; mas o que ela chama de fé, esperança, e amor são dons do Espírito Santo, e ela sabe que eles são verdadeiros e perfeitos.

O Credo

A SANTA IGREJA CONFESSA sua fé por toda sua vida; por sua doutrina, que é inspirada pelo Espírito Santo; por seus Sacramentos nos quais o Espírito Santo atua; e por seus ritos, os quais Ele dirige. E o Símbolo Niceno-Constantinopolitano é preeminentemente chamado de Confissão de Fé.

O Símbolo Niceno-Constantinopolitano, a absoluta e completa Confissão da Igreja, do qual ela não permite que nada seja omitido e que ela não permite que nada seja adicionado, é:

“Creio em Um só Deus: Pai, Onipotente, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em Um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos. Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial ao Pai, por Quem tudo foi feito. Que por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus e Se encarnou pelo Espírito Santo e da Virgem Maria e Se fez homem. E por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras. E subiu aos Céus e está sentado à direita do Pai, e novamente virá com glória para julgar os vivos e os mortos, e o Seu Reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor Vivificante, que procede do Pai, e que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, e que falou pelos profetas. E na Igreja una, santa, católica e apostólica. Confesso um só batismo para a remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro. Amém.”

Essa confissão, bem como toda a vida do Espírito, é compreensível apenas para aqueles que acreditam e são membros da Igreja. Contém dentro de si mistérios inacessíveis para o intelecto interrogador, e manifesta-se apenas para Deus, e para aqueles que Ele permite manifestar um vivo e interior, não um morto e exterior, conhecimento. Contém dentro de si o mistério da existência de Deus não apenas em relação a sua ação externa sobre a criação, mas também ao Seu ser

eterno interno. Portanto, o orgulho da razão e dominação ilegal, que se apropria para si, em oposição ao decreto de toda a Igreja (proclamado no Concílio de Éfeso), o direito de adicionar explicações privadas e hipóteses humanas ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano, é em si mesmo uma infração da santidade e inviolabilidade da Igreja. Assim como o orgulho das igrejas separadas, que ousaram alterar o Símbolo de toda a Igreja sem o consentimento de seus irmãos, foi inspirado não por um espírito de amor, e foi também um crime contra Deus e a Igreja, assim também é a sabedoria cega deles, que não compreendem os mistérios de Deus, foi uma distorção da fé; pois a fé não se preserva onde o amor nasce fraco. Portanto, a adição das palavras *filioque* [‘que procede do Pai e do Filho’] contém um pequeno dogma imaginário, desconhecido a todos os escritores que agradam a Deus, ou aos Bispos e sucessores dos Apóstolos nos primeiros anos da Igreja, e não dito por Cristo, nosso Salvador. Como Cristo disse claramente, assim como a Igreja professou claramente que o Espírito Santo procede do Pai; pois não apenas os mistérios externos, mas também os internos, de Deus foram revelados por Cristo, e pelo Espírito da Fé, aos Santos Apóstolos e à Santa Igreja. Quando Teodoreto chamou todos que professavam que o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho blasfemos, a Igreja, enquanto percebendo seus muitos erros, nesse caso aprovou sua fala com eloquente silêncio. A Igreja não nega que o Espírito Santo não é enviado apenas pelo Pai, mas também pelo Filho; a Igreja não nega que o Espírito Santo é comunicado a todas as criaturas racionais não apenas pelo Pai, mas também pelo Filho, mas o que a Igreja rejeita é que o Espírito Santo tenha tido seu princípio em Deus mesmo, não

simplesmente pelo Pai, mas também pelo Filho. Aquele que renunciou ao Espírito de Amor e despojou-se dos dons da graça não pode mais possuir conhecimento interno que é fé, mas se limita a mero conhecimento externo; portanto, ele pode apenas saber sobre o que é externo, e não sobre os mistérios internos de Deus. Comunidades de cristãos que haviam se separado da Santa Igreja não podiam mais confessar (já que agora não podiam mais compreender com o Espírito) a procedência do Espírito Santo, em Deus, apenas do Pai; mas naquele tempo elas foram obrigadas a confessar apenas a missão externa do Espírito na criação, uma missão que acontece, não apenas através do Pai, mas também através do Filho. Essas comunidades preservaram a forma externa da fé, mas elas perderam o significado interno e a graça de Deus; tanto em sua confissão quanto em suas vidas.

A Igreja e seus Mistérios

TENDO CONFESSADO sua fé na Divindade Tri-Hipostática, a Igreja confessa sua fé em si mesma, porque ela reconhece a si mesma como o instrumento e o barco da divina graça, e reconhece suas obras como os obras de Deus, não como obras dos indivíduos, dos quais, em sua manifestação visível, ela é composta. Nessa confissão ela mostra que o conhecimento em relação a sua essência e ser é também um dom de graça, concedido do alto, e acessível apenas a fé e não a razão.

Qual seria para mim a necessidade de dizer, “Eu acredito”, se eu já sei? Não é a fé a evidência de coisas não vistas? A Igreja

visível não é a visível sociedade de cristãos, mas o Espírito de Deus, e a graça dos Sacramentos vivendo nessa sociedade. Portanto, até a Igreja visível é visível apenas para o fiel; para o infiel o Sacramento é apenas um rito, e a Igreja uma mera sociedade. O fiel, enquanto com os olhos do corpo e da razão, vê a Igreja apenas em suas manifestações exteriores, e pelo Espírito toma conhecimento de suas manifestações, orações e obras que agradam a Deus. Portanto, não confunda a Igreja com a sociedade que porta o nome de cristãos, pois nem todo aquele que diz, “Senhor, Senhor”, realmente pertence ao povo escolhido e à semente de Abraão. Mas o verdadeiro cristão sabe pela fé que a Una, Santa Católica e Apostólica Igreja nunca irá desaparecer da face da Terra até o último julgamento de toda a criação, e que ela permanecerá na Terra invisível aos olhos carnis, ou para o entendimento que parece sábio para a carne, dentro das sociedades visíveis cristãs, exatamente da mesma maneira que ela permanece visível aos olhos de fé na Igreja pós-vida, mas invisível aos olhos do corpo. Mas o cristão também sabe, pelos meios da fé, que a Igreja terrena, embora invisível, está sempre vestida de forma visível; que não houve, nem poderia haver, nem jamais haverá um tempo em que os Sacramentos serão multilados, a santidade desaparecerá, ou a doutrina será corrompida; e que não há cristão que não possa dizer onde, desde os tempos dos Apóstolos, como estão os Santos Sacramentos e onde são administrados, onde a doutrina estava e onde é preservada, onde as orações estavam e onde estão sendo enviadas ao trono da graça. A Santa Igreja confessa e acredita que a ovelha nunca foi privada do seu Divino Pastor, e que a Igreja não poderia nunca se enganar por falta de

conhecimento — pois o entendimento de Deus mora dentro dela — ou se submeter a falsas doutrinas por falta de coragem — pois dentro dela habita o poder do Espírito de Deus.

Acreditando na palavra da promessa de Deus, que nomeou todos os seguidores dos ensinamentos de Cristo amigos de Cristo e seus irmãos, e nele os filhos adotados de Deus, a Santa Igreja confessa os caminhos que agradam a Deus para levar a caída e morta humanidade para a reunião com o Espírito de Graça e Vida. Portanto, tendo feito menção dos profetas, os representantes da idade do Antigo Testamento, ela professa seus Sacramentos, através dos quais, na Igreja do Novo Testamento, Deus envia Sua graça aos homens, e mais especialmente ela confessa o Sacramento do Batismo para a remissão dos pecados, como contendo em si o princípio de todos os outros; através do Batismo um homem entra em união com a Igreja, que tem a custódia de todos os outros Sacramentos.

Confessando um Batismo para a remissão dos pecados, como um Sacramento ordenado pelo próprio Cristo para a entrada na Igreja do Novo Testamento, a Igreja não julga aqueles que não entraram em comunhão com ela através do Batismo, pois ela conhece e julga a si mesma, apenas. Somente Deus conhece a dureza do coração, e Ele julga as fraquezas da razão de acordo com a verdade e a misericórdia. Muitos foram salvos e muitos receberam a herança sem terem recebido o Sacramento do Batismo com água; pois ele foi apenas instituído para a Igreja do Novo Testamento. Aquele que rejeita isso rejeita também toda a Igreja e o Espírito de Deus que vive nela; mas isso não era ordenado ao homem desde o princípio, nem era prescrito

pela Igreja do Antigo Testamento. Qualquer um que disser que a circuncisão era o Batismo do Velho Testamento nega o Batismo para a mulher, para as quais não havia circuncisão; e o que dizer sobre os Patriarcas de Adão a Abraão, que não receberam a marca da circuncisão? E, de qualquer forma, não se reconhece que fora da Igreja do Novo Testamento o Sacramento não era obrigação? Se disserem que foi em nome da Igreja do Antigo Testamento que Cristo recebeu o Batismo, quem ousará colocar um limite para a bondade amorosa de Deus, que levou para Si os pecados do mundo? O Batismo é de fato obrigação; ele próprio é a porta para a Igreja do Novo Testamento, e no Batismo o homem testemunha seu consentimento na redentora ação da graça. Portanto, no Batismo ele é salvo.

Ainda mais, sabemos que confessando um Batismo, como o início de todos os Sacramentos, nós não rejeitamos os outros; pois, acreditando na Igreja, nós, juntos com ela, confessamos os Sete Sacramentos, sendo eles: o Batismo, a Eucaristia, a Confissão, a Crisma, o Matrimônio, a Penitência e a Unção dos Enfermos. Há também muitos outros Sacramentos; pois toda obra que é feita com fé, amor, e esperança, é sugerida ao homem pelo Espírito de Deus, e invoca a invisível graça de Deus. Mas os Sete Sacramentos na realidade não são alcançados por qualquer indivíduo que é merecedor da misericórdia de Deus, mas por toda a Igreja na pessoa do indivíduo, ainda que ele não seja digno.

Sobre o Sacramento da Eucaristia (Comunhão), a Santa Igreja ensina que a mudança do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo verdadeiramente acontece. Ela não nega a palavra “Transubstanciação”; mas ela não atribui a

isso o significado material que é atribuído pelos professores das Igrejas que se afastaram. A mudança do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo é conquistado na Igreja e pela Igreja. Se um homem recebe Dons sagrados, ou os cultua, ou pensa neles com fé, ele realmente recebe, adora, e pensa no Corpo e Sangue de Cristo. Se ele recebe com ingratidão ele verdadeiramente rejeita o Corpo e Sangue de Cristo; de qualquer forma, em fé ou incredulidade, ele é santificado ou condenado pelo Corpo e Sangue de Cristo. Mas esse Sacramento está na Igreja e não é para o mundo externo, nem para o fogo, nem para as criaturas irracionais, nem para a corrupção, nem para o homem que não ouviu a lei de Cristo na própria Igreja (estamos falando da Igreja visível). Para o eleito e para o réprobo a Santa Eucaristia não é mera comemoração do mistério da redenção, não é a presença dos dons espirituais dentro do pão e do vinho, e não é apenas uma recepção espiritual do Corpo e Sangue de Cristo, mas Seu verdadeiro Corpo e Sangue. Não apenas no espírito Cristo agradou-se em unir-Se com os fiéis, mas também em Corpo e Sangue; de forma com que essa união possa ser completa, não apenas espiritual, mas também corporal. Ambas as explicações sem sentido sobre as relações do Sagrado Sacramento aos elementos e criaturas irracionais (quando o Sacramento foi instituído apenas para a Igreja), e aquele orgulho espiritual que despreza corpo e sangue e rejeita a união corporal com Cristo, são igualmente opostos à Igreja. Nós não devemos subir novamente sem o corpo, e nenhum espírito — a não ser o Espírito de Deus — pode ser tido como totalmente incorpóreo. Aquele que despreza o corpo peca através da soberba do espírito.

Sobre o sacramento da Ordenação, a Santa Igreja ensina que por ele a graça que dá efeito aos Sacramentos é entregue em sucessão dos Apóstolos e do próprio Cristo: não como se nenhum Sacramento pudesse ser realizado de outra forma ao invés da Ordenação (pois todo cristão é apto a abrir as portas da Igreja para uma criança, judeu ou pagão, através do Batismo), mas a Ordenação contém em si toda a graça dada por Jesus a sua Igreja. E a própria Igreja, em comunhão com seus membros em sua totalidade de dons espirituais, na força da liberdade dada a ela por Deus, apontou as diferenças entre os graus de Ordenação. O Presbítero que performa todos os Sacramentos, exceto a Ordenação, tem um dom; o Bispo que performa a Ordenação tem outro; e não há maior que o dom do Episcopado. O Sacramento dá a quem o recebe tão grande significado que, mesmo sendo indigno ao desempenhar o serviço sacramental, sua ação não procede de si mesmo, mas de toda a Igreja, que é de Cristo que vive nela. Se a Ordenação cessa, todos os Sacramentos, exceto o Batismo, também cessam; e a humanidade seria afastada da graça: e a própria Igreja teria testemunho de que Cristo deixou-a.

Sobre o Sacramento da Crisma, a Igreja ensina que nele os dons do Espírito Santo são conferidos ao cristão, confirmando sua fé e santidade interior: e este Sacramento é, pela vontade da Igreja, feito não apenas por Bispos, mas também por Presbíteros, embora a Crisma em si mesma só pode ser benzida por um Bispo.

Do Sacramento do Matrimônio, a Igreja ensina que a graça de Deus, que abençoa a sucessão de gerações na existência temporal da raça humana e a santa união

do homem e da mulher para a organização da família, são dons sacramentais impondo naqueles que o recebem grande obrigação de amor mútuo e santidade espiritual, de forma com que aquilo que de outra forma é pecaminoso e material se torna dotado de justiça e pureza. Portanto, os grandes mestres da Igreja, os Apóstolos, reconhecem o Sacramento do Matrimônio mesmo entre os pagãos: ainda que eles proibam o concubinato, eles confirmam o matrimônio entre cristãos e pagãos; porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido (1Co 7:14). As palavras do Apóstolo não significam que um infiel poderia ser salvo pelo seu ou sua união com um fiel, mas que o matrimônio é santificado: pois não é a pessoa, mas o marido ou a esposa, que é santificado. Uma pessoa não é salva pela outra, mas o marido ou a esposa que são santificados em relação ao casamento. E assim, o casamento não é impuro, mesmo entre os idólatras; e eles mesmos não sabem da graça de Deus dada a eles. A Santa Igreja através de seus ministros ordenados reconhece e abençoa a união, abençoada por Deus, do marido e da esposa. Portanto, o matrimônio não é um mero rito, mas um verdadeiro Sacramento. E recebe sua concretização na Santa Igreja, pois nela toda a coisa sagrada é conquistada de forma absoluta.

Sobre o Sacramento da Confissão, a Santa Igreja ensina que sem ele o espírito do homem não pode ser limpo da escravidão do pecado e do orgulho: pois ele não tem o poder da remissão dos próprios pecados (pois temos o poder apenas de condenar, mas não de justificar), mas a Igreja tem o poder de justificar, pois nela vive o Espírito de Cristo em sua totalidade. Nós sabemos que o primeiro a entrar no

Reino de Deus após o Salvador foi alguém que se condenou e arrependeu-se (o ladrão) dizendo na cruz: “Porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem” (Lc 23:41). Por causa desse arrependimento, ele recebeu absolvição dAquele que pode absolver, e que deu essa autoridade a Sua Igreja (Lc 23:43).

Sobre o Sacramento de Untar com óleo consagrado [Unção dos Enfermos], a Santa Igreja ensina que nele é aperfeiçoada a benção de toda a luta (1Tm 4:7) que o homem lutou em sua vida terrena, de todas as jornadas que ele participou em fé e humildade, e que na Unção dos Enfermos o divino veredito é proclamado sobre a vida terrena daquele homem, curando, quando os meios medicinais são inúteis, ou ao contrário, permitindo que a morte destrua o corpo corruptível, que não mais é necessário para a Igreja na Terra e para os mistérios de Deus.

Fé e Vida na Unidade da Igreja

A IGREJA, mesmo a terrena, vive, não uma vida humana terrena, mas uma vida de graça, que é divina. Portanto, não apenas os seus membros, mas ela mesma como um todo, solenemente, proclama-se “Santa”. Suas manifestações visíveis estão contidas nos Sacramentos, mas sua vida interna nos dons do Espírito Santo, na fé, na esperança e no amor. Oprimida e perseguida por seus inimigos, em vezes agitada e lacerada por dentro pelas paixões de suas crianças, ela foi e sempre será preservada sem hesitação ou mudança onde quer que os Sacramentos e a santidade espiritual sejam

preservados. Ela nunca está desfigurada ou em necessidade de reforma. Ela não vive sob a lei do sofrimento, mas sob a lei da liberdade. Ela não reconhece nenhuma autoridade acima dela, exceto sua própria, nem nenhum tribunal, senão o tribunal da fé (pois a razão não compreende a ela), e ela expressa seu amor, sua fé, e sua esperança nas suas orações e ritos, sugeridos a ela pelo Espírito de Verdade e pela graça de Cristo. Portanto, os seus ritos, ainda que eles não sejam imutáveis (pois eles são compostos pelo espírito da liberdade e podem ser mudados de acordo com o julgamento da Igreja) não podem nunca, em caso algum, conter alguma, ainda que a menor, mistura de erro ou de falsa doutrina. E enquanto os ritos (da Igreja) não são alterados eles são de obrigação dos membros da Igreja; pois na sua observância está a felicidade da sagrada união.

A unidade externa é a unidade manifestada com a comunhão dos Sacramentos; enquanto a unidade interna é a unidade de espírito. Muitos (como por exemplo, alguns mártires) foram salvos sem terem sido feitos participantes dos Sacramentos da Igreja (nem mesmo o Batismo), mas ninguém é salvo sem participar da santidade interior da Igreja, de sua fé, esperança e amor: por isso não são as obras que salvam, mas a fé. E a fé, por assim dizer, a verdadeira e viva fé, não é dupla, mas única. Portanto, tanto aqueles que dizem que a fé sozinha não salva, mas que as obras são necessárias, quanto aqueles que dizem que a fé salva, sem obras, estão vazios de entendimento; pois se não há obras a fé se mostra morta; e, se está morta, é falsa; pois na verdadeira fé há Cristo, a verdade e a vida; mas, se não é verdadeira, é falsa, e assim dizendo, mero conhecimento externo. Mas pode o que é falso salvar um homem?

Mas se é verdade, também é uma fé viva, e assim, uma fé que realiza obras; mas se realiza obras, quais obras são ainda necessárias?

O Apóstolo divinamente inspirado disse: "Mostre-me a fé da qual você se orgulha pelas tuas obras, assim como eu mostro minha fé pelas minhas obras." Ele reconhece assim duas fés? Não, mas expõe uma ostentação sem sentido. "Acreditas em Deus, mas os demônios também acreditam." Ele reconhece que há fé entre os demônios? Não, mas ele demonstra a falsidade que se orgulha de uma qualidade que até os demônios possuem. "Como o corpo", diz ele, "sem a alma está morto, então a fé sem obras também está morta." Ele compara então a fé ao corpo e as obras ao Espírito? Não, pois tal comparação seria falsa; mas o significado de suas palavras é claro. Como um corpo sem uma alma não é mais um humano, e não pode ser propriamente chamado de um, mas de cadáver, a fé que não realiza obras não pode ser chamada de fé verdadeira; e assim dizendo, um conhecimento externo, que não dá frutos, e alcançável até pelos demônios. O que está escrito deve simplesmente ser lido de forma simples. Portanto, aqueles que buscam o Apóstolo Tiago para uma prova de que há uma fé morta e uma viva, como se fossem duas, não compreendem as palavras do Apóstolo; pois o Apóstolo não dá testemunho em favor daqueles, mas contra eles. Semelhantemente, quando o Grande Apóstolo dos Gentios diz, "Qual é o uso da fé sem o amor, mesmo de maneira que transportasse as montanhas?" (1Co 13:2) ele não mantém a possibilidade de uma fé sem amor: mas, assumindo essa possibilidade, ele mostra que isso seria inútil. A Sagrada Escritura não deve ser lida no espírito da sabedoria

mundana, que disputa palavras, mas no espírito da sabedoria de Deus, e da simplicidade espiritual. O Apóstolo, definindo a fé, diz, “é a evidência das coisas invisíveis, e a confiança das coisas que temos esperança” (não meramente das coisas que esperamos, ou coisas que virão), mas se temos esperança também desejamos, e se desejamos, também amamos; pois é impossível desejar o que um homem não ama. Os demônios também têm esperança? Portanto, há apenas uma fé, e quando perguntamos: “A verdadeira fé pode salvar sem obras?” Fazemos uma pergunta sem sentido; ou não fazemos pergunta alguma: a fé verdadeira é uma fé viva que realiza obras; é uma fé em Cristo, e Cristo em fé.

Aqueles que tomaram uma fé morta, ou seja, uma falsa fé, ou mero conhecimento externo, pela fé verdadeira, foram tão longe em sua desilusão que, sem saber, fizeram um oitavo Sacramento. A Igreja tem fé, pois é uma fé viva; e ela tem também santidade. Mas se um homem ou Bispo deve necessariamente ter fé, o que devemos dizer? Que ele tem santidade? Não, pois ele pode ser notável por crimes e imoralidade. Mas a fé habita nele, embora ele seja um pecador. Então a fé dentro dele é um oitavo Sacramento; na medida em que todo Sacramento é a ação da Igreja em um indivíduo, mesmo que ele seja indigno. Mas através desse Sacramento que tipo de fé há dentro dele? Uma fé viva? Não, pois ele é um pecador. Mas sim uma fé morta, isto é, conhecimento externo, e é conquistado até por demônios. E este será o oitavo Sacramento? Assim, o afastamento da verdade produz o próprio castigo.

Devemos entender que nem a fé, nem a esperança, nem o amor salvam em si mesmos (irá a fé na razão, ou a esperança

no mundo, ou mesmo o amor na carne salvar-nos?). Não, é o objeto da fé que salva. Se um homem acredita em Cristo, ele é salvo por sua fé em Cristo; se ele acredita nos Sacramentos de Cristo, ele é salvo por eles; pois Cristo, nosso Deus, está na Igreja e nos Sacramentos. A Igreja do Antigo Testamento foi salva na fé do Redentor que viria. Abraão foi salvo pelo mesmo Cristo que nós. Ele possuía a Cristo na esperança, enquanto nós possuímos Ele na alegria. Portanto, aquele que deseja o Batismo é batizado na vontade; enquanto que aquele que recebeu o Batismo o possui na alegria. Uma fé idêntica no Batismo salva a ambos. Mas alguém pode dizer, “Se a fé no Batismo salva, qual é o motivo de ser realmente batizado?” Se ele não recebe o Batismo, por qual motivo ele desejou? É evidente que a fé que deseja o Batismo deva ser aperfeiçoada pela recepção do próprio Batismo, que é sua alegria. Portanto, também a casa de Cornélio recebeu o Espírito Santo antes de receber o Batismo, enquanto o eunuco estava cheio do mesmo Espírito imediatamente após o Batismo (At 10:44-47, 8:38, cf 2:38). Pois Deus pode glorificar o Sacramento do Batismo tanto quanto antes, quanto depois, de sua realização. Dessa forma, a diferença entre *opus operans* e *opus operatum* desaparece. Sabemos que existem muitas pessoas que não cristianizaram suas crianças, e muitas que não admitiram à Comunhão nos Santos Mistérios, e muitas que não as confirmaram: mas a Santa Igreja entende as coisas de outra forma quando batiza crianças confirmando-as e admitindo-as na Comunhão. Ela não ordenou essas coisas para condenar crianças não batizadas, cujos anjos sempre contemplam o rosto de Deus (Mt 18:10); mas ela sempre ordenou isso, de acordo com o espírito de amor que vive nela, para

que o primeiro pensamento de uma criança chegando nos anos de discernimento seja, não apenas um desejo, mas uma alegria pelos Sacramentos que já foram recebidos. Pode alguém saber a alegria de uma criança que para todas as aparências ainda não chegou ao discernimento? O profeta, mesmo antes do nascimento de Jesus, não exultou de alegria em relação a Cristo (Lc 1:41)? Aqueles que privaram os filhos do Batismo, da Confirmação, e da Comunhão são aqueles que, tendo herdado a sabedoria cega do pagão que nada vê, não compreenderam a majestade dos Sacramentos de Deus, mas exigiram razão e usos para tudo, e tendo submetido a doutrina da Igreja a explicações escolásticas, não irão nem mesmo rezar se não verem na reza um objetivo direto ou vantagem. Mas a nossa lei não é uma lei de escravidão ou de serviço mercenário, que trabalha por recompensas, mas uma lei de adoção de filhos, e do amor que é livre.

Nós sabemos que quando um de nós cai, ele cai sozinho; mas ninguém é salvo sozinho. Aquele que é salvo é salvo na Igreja, como um membro dela, em união com os outros membros. Se alguém acredita, ele está em comunhão de fé; se ele ama, ele está na comunhão do amor; se ele reza, está na comunhão da reza. Portanto, ninguém pode ter esperança apenas em suas próprias orações, pois todos que oram clamam a toda a Igreja por intercessão, não como se tivessem dúvidas da intercessão de Cristo, o único Advogado, mas na certeza de que toda a Igreja sempre reza por todos os seus membros. Todos os Anjos rezam por nós, os Apóstolos, os mártires, os Patriarcas, e acima deles, a Mãe de Nosso Senhor, e essa união é a verdadeira vida da Igreja. Mas se a Igreja é visível e invisível, e reza

sem parar, por que pedimos a ela por orações? Não suplicamos a misericórdia de Deus e de Cristo, embora Sua misericórdia venha antes de nossa oração? A razão pela qual pedimos a Igreja por suas orações é por sabermos que ela dá a assistência de sua intervenção até para aquele que não pede por isso, e para aquele que pede ela dá ainda mais; pois nela está a plenitude do Espírito de Deus; assim nós glorificamos todos que Deus glorificou e está glorificando; pois como poderíamos dizer que Cristo vive dentro de nós se nós não nos tornamos semelhantes a Cristo? Portanto, nós glorificamos os Santos e os Anjos, e os Profetas, e ainda mais do que tudo a mais pura Mãe do Senhor Jesus, não reconhecendo-a por ter sido concebida sem pecado ou por ter sido perfeita (pois apenas Cristo é perfeito e sem pecado), mas lembrando que a preeminência, passando por todo o entendimento, que ela tem, acima de todas as criaturas de Deus, foi testemunhada pelo Anjo e por Isabel e, acima de tudo, pelo próprio Salvador quando designou João, seu grande Apóstolo e intérprete de mistérios, para cumprir os deveres de um filho e servi-la.

Assim, cada um de nós precisa das orações de todos, e toda pessoa deve orações em nome de todos, dos vivos e dos mortos, e mesmo daqueles que ainda não nasceram, pois na oração, como fazemos em toda a Igreja, o mundo pode vir ao conhecimento de Deus, pois não rezamos apenas para a atual geração, mas também para aqueles que Deus ainda chamará para a vida. Nós rezamos para os vivos para que a graça de Deus desça sobre eles, e para os mortos para que se tornem dignos da visão da face de Deus. Nós não sabemos nada sobre um estado intermediário das almas, que nem

foram recebidas pelo Reino de Deus, nem condenadas a tortura, pois tal estado não recebemos os ensinamentos sobre de nenhum dos Apóstolos, nem de Cristo; nós não reconhecemos o Purgatório, isto é, a purificação das almas por sofrimentos pelos quais elas podem ser redimidas por suas obras ou pelas obras dos outros: pois a Igreja não sabe nada sobre a salvação por meios externos, nem quais sofrimentos que possam haver, exceto os de Cristo; nem pode negociar com Deus, como um homem se comprando por boas obras.

Todo o paganismo, como esse, continua com os herdeiros da sabedoria dos pagãos, aqueles que se orgulham do lugar, do nome, e do domínio territorial, e que instituíram um oitavo Sacramento, da fé morta. Mas nós rezamos no espírito do amor, sabendo que ninguém será salvo por outra coisa além das orações de toda a Igreja, em que Cristo vive, sabendo e confiando, enquanto o fim dos dias não chegou, que todos os membros da Igreja, tanto os vivos, quanto os mortos, estão sendo aperfeiçoados incessantemente pelas orações mútuas. Os Santos que Deus glorificou são muito maiores que nós, mas mais alta ainda é a Santa Igreja, que tem dentro dela todos os Santos, e reza por todos, como pode ser visto na divinamente inspirada Liturgia. Na sua oração, a nossa oração também é ouvida; por mais indignos que possamos ser para sermos chamados de filhos da Igreja. Se, enquanto cultuando e glorificando os Santos, nós rezamos para que Deus possa glorificá-los, nós não nos deixamos abertos ao orgulho; pois a nós que recebemos permissão para chamar Deus de "Pai Nosso" também foi concedida a permissão para orar: "Santificado seja o Teu Nome, venha a nós o Teu Reino, seja feita a Tua vontade." E se a nós foi

permitido orar para Deus para que Ele glorifique o Seu Nome e cumpra a Sua Vontade, que nos proibirá de orar para glorificar Seus Santos, e dar repouso aos eleitos? Para aqueles que não são eleitos claramente não rezamos, assim como Cristo não rezou pelo mundo todo, mas sim para aqueles que o Senhor O deu (Jo 17). Não deixe ninguém dizer: "O que devo orar para os vivos e para os mortos quando minhas orações sequer são suficientes para mim mesmo?" Pois se ele não tem capacidade de rezar, qual seria o motivo de rezar mesmo para si? Mas na verdade o Espírito de Amor reza nele. Semelhantemente, não deixe ninguém dizer: "Qual é o benefício da minha oração quando o outro reza por si mesmo, e ainda assim Cristo intercede por ele?" Quando um homem reza, é o Espírito de Amor que reza nele. Não deixe ninguém dizer: "Agora é impossível mudar o julgamento de Deus," pois sua oração está incluída nos caminhos de Deus, e Deus a previu. Se ele for um membro da Igreja, suas orações são necessárias para todos os seus membros. Se a mão dissesse que não exigia sangue do resto do corpo e que não daria seu próprio sangue a ela, a mão iria murchar. Então o homem é também necessário à Igreja, enquanto ele estiver dentro dela; e, se ele largá-la, ele perece e deixa de ser membro da Igreja. A Igreja reza por todos, e nós rezamos juntos por todos; mas nossas orações devem ser verdadeiras, uma expressão verdadeira de amor, e não mera combinação de palavras. Não sendo capazes de amar a todos, oramos por aqueles que amamos, e nossa oração não é hipócrita; mas se orarmos para Deus podemos ser capazes de amar a todos e orar por todos sem hipocrisia. A oração mútua é o sangue da Igreja, e a glorificação de Deus na sua respiração. Nós oramos no espírito do amor, não do interesse, no espírito da

liberdade filial, não da lei do mercenário que exige. Todo homem que questiona: “Qual o uso da oração?” Reconhece a si mesmo como estando em sofrimento. Verdadeira oração é verdadeiro amor.

O amor e a unidade estão acima de tudo, mas o amor se expressa de várias maneiras: pelas obras, pela oração, e por sons espirituais. A Igreja concede sua bênção a todas essas expressões de amor. Se um homem não pode expressar seu amor a Deus por palavras, mas expressa por representação visível, por exemplo, um ícone, a Igreja irá condená-lo? Não, mas condenará o homem que condena ele, pois ele está condenando o amor de outro. Sabemos também que sem o uso de imagens o homem também pode ser salvo e tem sido salvo, e se o amor de um homem não requer uma imagem ele será salvo sem uma; mas se o amor do seu irmão requer uma imagem, ele, condenando o amor de seu irmão, condena a si mesmo; se um cristão ouve sem um sentimento de reverência uma reza ou canção espiritual composta por seu irmão, como ele ousa olhar sem reverência para a imagem que o seu amor, e não a arte, produziu? O Senhor, que conhece os segredos do coração, projetou-se mais de uma vez uma oração ou salmo para glorificar; irá um homem proibir Ele de glorificar uma imagem ou o túmulo dos Santos? Alguém pode dizer: “O Antigo Testamento proibia a ilustração de Deus;” mas ele, que pensa que entende melhor a Santa Igreja, as palavras que ela mesma escreveu (ou seja, as Escrituras), não vê que não era a representação de Deus que o Antigo Testamento proibia (pois permitiu os querubins, a serpente e a escrita do Nome de Deus), mas que proibiu o homem de fazer para si um deus à semelhança de

qualquer objeto na terra ou no céu, visível ou imaginário?

Se um homem pinta uma imagem para se lembrar do Deus invisível e inconcebível, ele não está fazendo para si um ídolo. Se ele imagina Deus para ele mesmo, e pensa que Ele é como sua imaginação, ele faz para si um ídolo — esse é o significado da proibição no Antigo Testamento. Mas um ícone (assim dizendo, o Nome de Deus pintado em cores), ou uma representação dos Seus Santos, feita com amor, não é proibida pelo Espírito de Verdade. Não deixe ninguém dizer, “Os cristãos estão caminhando para a idolatria;” pois o Espírito de Cristo que preserva a Igreja é mais inteligente do que a inteligência calculista do homem. Embora um homem possa ser salvo sem imagens, ele não pode rejeitá-las.

A Igreja aceita todo rito que expressa aspiração espiritual em Deus, bem como ela aceita orações e ícones, mas ela reconhece como o maior de todos os ritos a Santa Liturgia, na qual é expressa toda a doutrina e o espírito da Igreja; e isso, não apenas por sinais convencionais ou símbolos de algum tipo, mas pela palavra de vida e verdade, que são inspiradas do alto. Ele apenas conhece a Igreja que conhece a Liturgia. Acima de tudo está a união da santidade e do amor.

Salvação

A SANTA IGREJA, confessando que ela busca pela Ressurreição dos mortos e o julgamento final de toda a humanidade, reconhece que seus membros aperfeiçoados irão ser completados juntos dela, e que a futura vida pertence, não apenas ao espírito, mas também ao corpo espiritual; pois apenas Deus é um

Espírito perfeito e incorporeal. Portanto, ela rejeita o orgulho daqueles que pregam a doutrina de um estado incorporeal após a morte, e consequentemente depredam o corpo, no qual Cristo subiu dos mortos. Esse corpo não será um corpo carnal, mas estará no estado corporal dos Anjos, bem como o próprio Cristo disse que devemos nos parecer com os Anjos.

No Juízo Final, nossa justificação em Cristo será revelada em sua plenitude; não apenas nossa santificação, mas também nossa justificação, pois nenhum homem foi ou é ainda completamente santificado, pois ainda há a necessidade da justificação. Cristo opera tudo que há de bom em nós, seja na fé, na esperança, ou no amor; enquanto nos submetemos apenas à Sua obra, mas ninguém se submete totalmente. Portanto, ainda há necessidade de justificação pelos sofrimentos e sangue de Cristo. Quem, então, pode continuar a falar dos méritos de suas próprias obras, ou de um tesouro de méritos e orações? Apenas aqueles que ainda estão vivendo sob a lei do sofrimento. Cristo opera todo o bem em nós, mas nós nunca nos submetemos, ninguém, nem mesmo os Santos, como o próprio Salvador afirmou. A graça opera em todos, e a graça é dada livremente e para todos, para que ninguém possa murmurar, não de forma igual a todos, não de acordo com a predestinação, mas de acordo com a presciência, como diz o Apóstolo. De fato, um talento menor é dado ao homem em quem o Senhor previu negligência, a fim de que a rejeição de um dom maior não sirva para uma condenação maior. E nós não aumentamos os talentos que nos foram confiados, mas eles são colocados aos trocadores, para que mesmo aqui não haja nenhum mérito nosso, mas apenas uma não-resistência à graça que causa o

aumento. Assim a diferença entre a graça “suficiente” e “eficaz” desaparece. A graça opera em tudo, se um homem se submete a ela, e o Senhor é aperfeiçoado nele, e aperfeiçoa ele; mas não deixe um homem se glorificar de sua obediência, pois a própria obediência vem da graça. Mas nós nunca nos submetemos totalmente: portanto, além da santificação, pedimos também a justificação.

Tudo é conquistado na consumação do julgamento geral, e o Espírito de Deus, ou seja, o Espírito da fé, esperança, e amor, se revelará em toda a Sua plenitude, e todo dom alcançará sua máxima perfeição; mas acima de todos estará o amor. Não que deva ser ensinado que a fé e a esperança, que são dons de Deus, irão perecer (pois eles não são separados do amor), mas apenas o amor irá preservar seu nome, enquanto a fé, em sua consumação, se tornará totalmente conhecimento interno e visão; e a esperança se transformará em alegria; pois mesmo na Terra sabemos que quanto mais forte ela é, mais alegre ela é.

A Unidade da Ortodoxia

PELA VONTADE DE DEUS a Santa Igreja, após a queda de muitos cismas, e do Patriarcado Romano, foi preservada nas Dioceses gregas e Patriarcados, e somente essas comunidades podem se reconhecer como plenamente cristãs, que preservam sua unidade como Patriarcados Canônicos. Pois há apenas um Deus e uma Igreja, e dentro dela não há dissensão nem desacordo.

E portanto, a Igreja é chamada Ortodoxa, ou Canônica, ou Greco-Russa, mas todas

essas são designações temporárias. A Igreja não deve ser acusada de orgulho por ser chamada de Ortodoxa, nem por se chamar Santa. Quando as falsas doutrinas desaparecerem não haverá necessidade para o nome Ortodoxa, pois não haverá uma cristandade errônea. Quando a Igreja se estender, ou quando a plenitude das nações entrar nela, todas as denominações locais cessarão; pois a Igreja não está delimitada a uma localidade; ela não se orgulha de nenhuma sé ou território em particular, nem preserva a herança do orgulho pagão; mas ela chama a si mesma de Una, Santa, Católica e Apostólica; sabendo que o mundo todo a ela pertence, e que nenhuma localidade possui significância especial, mas apenas temporariamente tem, e serve para a glorificação do nome de Deus, de acordo com Sua vontade insondável.